

INTRODUÇÃO Lêgerîn é uma plataforma de mídia mundial construída por e para a juventude revolucionária internacionalista. A sua linha ideológica está ligada ao paradigma da Modernidade Democrática, desenvolvido por Abdullah Öcalan a partir da revolução em curso no Curdistão. A Modernidade Democrática é uma terceira via contra o capitalismo neoliberal e o fascismo. Embora alguns afirmam que vivemos no fim da história e que a revolução já não é possível, estamos determinados a provar que estão errados e proclamamos corajosamente:

A história não acabou... enquanto a juventude lutar!

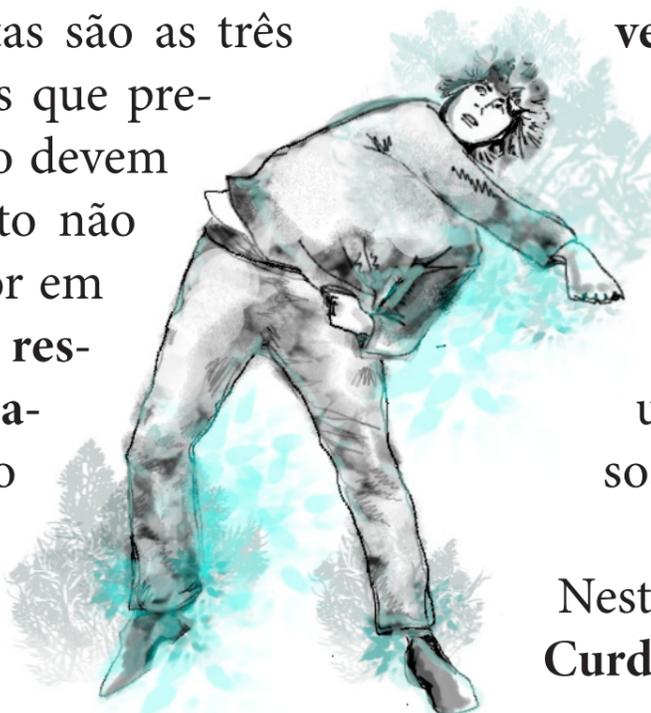
«Como viver? O que fazer? Onde começar?»

De acordo com o pensador revolucionário curdo Abdullah Öcalan, estas são as três questões que aqueles de nós que pretendem desafiar o status quo devem colocar-se. Porque enquanto não conseguirmos formular e pôr em prática uma **alternativa às respostas dadas pelo sistema capitalista**, baseada na busca do poder e na satisfação individualista, nunca conseguiremos superá-la.

Para nós a resposta é reconstruir uma sociedade em que todos os diversos grupos que a formam possam viver uma vida livre, expressar-se cultural e politicamente e controlar a sua própria iniciativa e vontade, baseando-se nos princípios de uma **relação ecológica com o planeta**, a **libertação das mulheres** e a **democracia radical** organizada de baixo para cima.

Esta não é uma visão para uma sociedade futura utópica, mas sim uma forma de vi-

ver juntos que pode e está a ser posta em prática neste momento. **Como jovens, somos os mais dispostos e capazes de mudar a forma como vivemos e, portanto, podemos desempenhar um papel de liderança na definição de um exemplo para o resto da sociedade.**



Neste contexto, a **Revolução no Curdistão** deve ser entendida como a linha da frente deste processo e como uma oportunidade para aprendermos e nos organizarmos durante um dos períodos mais caóticos e críticos da história.

Na Lêgerîn, acreditamos que o nosso papel é ser um **porta-voz da juventude em luta**, para que possamos trocar ideias e organizar-nos a nível internacional contra as ameaças comuns que enfrentamos.



★ Nota editorial ★

Caros camaradas,

Todas as semanas, em todo o mundo, podemos assistir ao surgimento de novos conflitos, além do preocupante desenvolvimento das guerras existentes: a tentativa da Venezuela de anexar a Guiana, a guerra civil no Sudão, o estado de emergência militar no Equador... Nesta terceira guerra mundial, o Médio Oriente ainda parece ser o ponto focal do conflito. A guerra genocida travada contra o povo palestino continua a aumentar, enquanto as forças israelitas oficializam a sua intenção de alargar as suas operações terrestres ao Líbano. Ao mesmo tempo, uma coligação internacional de potências ocidentais lançou o seu primeiro grande ataque militar contra o Iêmen, anunciado como resposta às recentes ações dos Houthis no Mar Vermelho.

Face a estes desenvolvimentos, a solução permanece a mesma: insistir numa alternativa democrática, desenvolvendo o internacionalismo revolucionário dos povos! No momento em que esta edição vai para a imprensa, terão passado exatamente 25 anos desde que Abdullah Öcalan foi preso na ilha-prisão de Imrali. A conspiração internacional que levou à sua prisão deve ser entendida como uma aliança das forças da modernidade capitalista contra o desenvolvimento do socialismo democrático que estava a ocorrer no seio do movimento curdo, que renova a possibilidade de um ideal socialista para o século XXI.

De 3 a 5 de novembro de 2023, realizou-se em Paris a primeira Conferência Mundial da Juventude, na sequência da 2ª Conferência da Juventude do Médio Oriente, que se realizou na cidade de Kobanê em 2019. Or-

ganizada pelo centro juvenil Ronahî e pela “Youth Writing” Rede da História, o evento reuniu jovens de todos os continentes para uma primeira rodada de encontros e intercâmbios. O objectivo é claro: o desenvolvimento de uma frente única da juventude revolucionária a nível mundial. Nesta edição, queremos compartilhar com vocês um pouco da energia criada durante este encontro histórico. Mais do que nunca, precisamos acreditar na nossa força e espalhar esperança ao nosso redor!

INDICE.

Os jovens podem mudar o mundo se unirem forças, vontade e crença	3
Do Baluchistão para todo o mundo - forjando a unidade entre os oprimidos	5
Os mártires abrem o caminho - De Bristol a Rojava, Anna vive	6
Como participar	8



«Os jovens podem mudar o mundo se unirem forças, vontade e crença»

Durante a **Conferência Mundial da Juventude**, várias organizações juvenis não puderam participar, devido à repressão estatal e às políticas fronteiriças discriminatórias. Em vez disso, alguns participaram enviando mensagens de vídeo gravadas. Entre eles estava Komalên Ciwan. **Komalên Ciwan**, é a maior união de organizações juvenis democráticas no Curdistão e inclui associações, clubes e coletivos juvenis de todas as quatro partes do Curdistão. O estatuto da federação afirma que «Komalên Ciwan é constituído por associações, organizações, sindicatos, assembleias e comunas, que se **organizam com base no desenvolvimento de uma sociedade democrática e de uma vida livre de acordo com a perspectiva da Nação Democrática**». Reproduzimos aqui a mensagem na íntegra.

Caros camaradas,
Em nome do movimento juvenil apoísta, **Komalên Ciwan**, enviamos-lhe as nossas mais calorosas saudações e respeito. Parabenizamos vocês, jovens do mundo, por esta primeira Conferência Mundial da Juventude.

Talvez nunca nos tenhamos visto, nem tivemos a oportunidade de nos conhecer. Talvez tenhamos origens muito diferentes. Alguns de nós somos do Médio Oriente, Ásia ou África; outros são da Europa ou de Abya Yala. Podemos vir de nações diferentes com crenças, culturas e tradições diferentes. Mas temos certeza de que nossos corações batem pela mesma causa. Somos buscadores no caminho da liberdade; somos lutadores por uma vida livre. É por isso que queremos enfatizar a importância do nosso encontro através da Conferência Mundial da Juventude, para ficarmos ombro a ombro e darmos as mãos. É de extrema importância histórica para nós. É por isso que nós, o movimento juvenil Apoísta, estamos muito entusiasmados, felizes e alegres com a organização desta conferência. Podemos ver a tentativa de reavivar o espírito do movimento juvenil de 68. Podemos ver a vontade dos jovens de se tornarem a vanguarda da mudança no mundo de hoje. É por isso que estamos convencidos de que esta conferência será um grande sucesso e que alcançaremos grandes resultados com o espírito aqui criado.

Como todos sabemos, ao longo da história, a humanidade suportou muito sofrimento sob os vários sistemas de opressão. Os governantes sempre atacaram e oprimiram o povo e causaram grande dor. Muitos sacrifícios foram feitos ao longo da história da resistência. A humanidade tem sido confrontada com derramamento de sangue, violência, exploração, violação, genocídio e injustiça. Este sistema, na forma da modernidade capitalista, atingiu o seu auge. O sistema da modernidade capitalista tornou-se global e tem como alvo a humanidade a um nível universal. Podemos dizer abertamente que no século XXI a humanidade lamenta-se sob um ataque constante.

A modernidade capitalista é o maior inimigo da humanidade. É o inimigo de todos os valores humanos e foi criado nesta base e para este propósito. É assim que tenta se sustentar e, portanto, os seus ataques continuam em todo o mundo. Só há uma coisa que conta para o capitalismo: o lucro, o sistema de compra e venda. Para o interesse dos governantes e das elites, nenhum valor é tão grande que não possa ser vendido. Nenhum princípio é seguido e nenhuma moral permanece. Tudo é apropriado pelos seus interesses para sustentar o sistema de poder. Esta é uma realidade que podemos testemunhar hoje na guerra entre Israel e o Hamas. O Médio Oriente está envolvido há milhares de anos numa guerra que não traz qualquer solução; portanto, é involuntariamente mantido num status quo de crise constante. Este não é o destino do Médio Oriente, mas sim uma situação criada pelos governantes e pela modernidade capitalista. Esses não são problemas que surgem da própria sociedade. A humanidade nunca escolheu conviver com esses problemas. Dizemos mais uma vez: aqueles que criaram estes problemas e são a razão do sofrimento das pessoas no Curdistão e de Abya Yala, nas pessoas da Ásia, de África e da Europa, é o sistema capitalista. O sistema priva a juventude da sua energia, as mulheres da sua liberdade e a humanidade como um todo de uma bela vida. Se quisermos compreender adequadamente a realidade do sistema, temos de olhar para o Curdistão. O Curdistão é como um livro aberto para compreender a verdade da modernidade capitalista.

Durante cem anos, o sistema capitalista e os seus estados de frente no Médio Oriente, tal como o estado fascista turco, impuseram uma política genocida ao Curdistão. contra isso, durante 50 anos, a nossa luta pela liberdade no Curdistão, sob a liderança de Abdullah öcalan, continuou. há 50 anos que travamos uma guerra existencial contra este sistema e, no decurso de tudo isto, fizemos sacrifícios abundantes. o nosso povo suportou muita dor, mas como resultado, hoje, a nossa luta está a espalhar-se pelo mundo, principalmente através dos esforços e pensamentos de öcalan. ao tomar öcalan como refém na ilha de Imrali, as forças capita-

listas queriam isolá-lo como fonte de pensamento livre e de vida da humanidade. Desde então, passaram-se 25 anos de tortura e isolamento, que se intensificam a cada dia. por mais que estes ataques se tenham intensificado, öcalan nunca recuou. ele não foi silenciado no imrali e nunca desistirá da luta.

Pelo contrário, com a sua luta notável, tornou-se fonte de inspiração e liberdade para muitos povos, permitindo-lhe romper os muros do imrali. ele criou uma alternativa significativa à modernidade capitalista com a sua filosofia da modernidade democrática. a partir do novo paradigma desenvolveu-se uma perspectiva de esperança para o povo curdo e para todas as pessoas que lutam pela liberdade. se hoje nós, o movimento juvenil apoísta, podemos liderar uma revolução como esta no Curdistão, e se podemos lutar e discutir com o nosso livre arbítrio e construir com base na força do pensamento e das ideias que temos em nós mesmos, é por causa de öcalan. é por isso que queremos partilhar o que descobrimos e o que öcalan analisou brilhantemente sobre imrali: Até que os problemas no Médio Oriente sejam resolvidos, os problemas globais também não serão resolvidos. Se um povo ainda é oprimido, o resto do mundo também não pode considerar-se livre. Se hoje o povo de Abya Yala não consegue viver uma vida livre com pensamentos livres, então no Curdistão ninguém pode ser livre também. Se hoje o povo palestino não é livre, então o povo judeu também não pode ser livre. Se as mulheres e os jovens da sociedade não conseguem desempenhar o seu papel de vanguarda, esta sociedade também não pode definir-se como livre. Descobrimos isso como resultado de 50 anos de luta. Hoje, acreditamos que ganharemos ainda mais esperança e força com esta conferência. Quanto mais conseguirmos difundir a luta pela modernidade democrática em todas as partes do mundo, mais estaremos convencidos de que acabaremos com o sistema opressor e criaremos uma vida livre.

Esta Conferência Mundial da Juventude é um desafio para os opressores e para o sistema da modernidade capitalista. Tal como o movimento de 68, com o seu espírito jovem, escreveu a história e espalhou-se por todo o mundo, fez tremer o sistema e impulsionou uma revolução social e cultural, hoje esta conferência tem o mesmo significado. Hoje, dizemos ao mundo inteiro, não se pode mais conter os povos oprimidos que lutam pela sua liberdade com a vossa crise. Com a sua política, você não pode mais nos enganar. A juventude não aceitará mais ser degradada em uma força sem sentido. Você não pode mais usar os jovens como ferramentas para seus interesses de poder. Hoje possuímos grandes ideias e conhecimento e podemos mudar o destino do mundo. Esta Conferência Mundial da Juventude é o lugar certo para provar isso. Esta

conferência demonstra que os jovens, da Ásia à África, do Curdistão à Europa, podem mudar o mundo se unirem a sua força, vontade e crença. Não precisamos desses opressores. Não precisamos desses senhores da guerra. Mais do que nunca, a humanidade merece viver em liberdade. Merece viver uma vida melhor baseada na beleza, nos valores morais comuns e na unidade.

Nós e todos vocês estamos criando esta esperança hoje. Estamos convencidos de que esta conferência trará ganhos importantes como resultado de suas discussões e decisões. Mesmo que as circunstâncias não nos tenham permitido participar fisicamente nesta conferência, os nossos corações estão convosco. Acreditamos que as ideias da modernidade democrática e a linha do confederalismo democrático podem fornecer soluções com coragem e profundidade para as discussões e análises dos nossos problemas como jovens durante esta conferência. Os governantes temerão os resultados desta conferência e, com base nisso, pensamos que iniciaremos juntos uma nova fase de luta. Esperamos que essas discussões não permaneçam apenas na conferência. Com estas discussões e as decisões a serem tomadas, criaremos uma frente comum, unida e mundial para a juventude em dificuldades. Sentiremos todos os problemas de todas as sociedades no fundo dos nossos corações e mentes. Nos levantaremos contra todas as injustiças; não ficaremos calados. E o que é mais importante, assim, nos tornaremos a vanguarda do nosso povo e dos povos do mundo.

No final, enviamos mais uma vez as nossas saudações a todos os participantes da conferência com grande entusiasmo. Declaramos nosso amor por todos vocês e temos certeza de que alcançarão resultados no caminho para a vitória final.

Viva o espírito do movimento de 68!

Viva a juventude do mundo!

Viva o internacionalismo!

Serkeftin! Serkeftin! Serkeftin!

Gravado em novembro de 2023 nas montanhas livres do Curdistão



Do Baluchistão para todo o mundo - Forjando a unidade entre os oprimidos

Abdullah Abbas,

Conselho de Direitos Humanos do Baluchistão

De 3 a 5 de novembro, a conferência internacional “Youth Writing History” em Paris, organizada por ativistas do movimento curdo, marcou um encontro significativo de ativistas de diversas origens em todo o mundo. Como representante do Conselho de Direitos Humanos do Baluchistão, uma organização focada nas violações dos direitos humanos no Baluchistão pelo Exército do Paquistão, tive o privilégio de testemunhar a presença fortalecedora de ativistas que defendem várias causas.

O Baluchistão, outrora uma nação independente, carrega as cicatrizes da colonização pelas forças britânicas, levando à sua divisão e ocupação pelo Paquistão, Irã e Afeganistão. As raízes desta situação remontam ao ataque do Raj britânico ao Baluchistão em 1838, que resultou na colonização da região duas décadas antes da ocupação do subcontinente indiano. Os acontecimentos subsequentes, como a divisão do Baluchistão em 1872 e a criação da Linha Durand em 1893, ilustram a complexa história que preparou o caminho para os desafios atuais enfrentados pelo povo Baloch.

Após a Segunda Guerra Mundial, o Baluchistão declarou independência ao lado da Índia e do Paquistão, apenas para enfrentar a ocupação pelo Paquistão em 1948, orquestrada para proteger os interesses ocidentais na região. Isto marcou o início da luta do Baluchistão como colônia, que encontrou resistência firme do seu povo, resultando em cinco revoltas, todas brutalmente reprimidas. O ano 2000 assistiu a outra revolta, a mais longa até agora. O Paquistão, ao colaborar com a China para alterar a demografia do Baluchistão para a construção de um porto, alimentou o movimento, conduzindo à resistência mais duradoura que persiste até hoje. O subsequente projecto do Corredor Económico China-Paquistão (CPEC), iniciado em 2003, tem enfrentado oposição contínua, com o porto e outros projectos a permanecerem inoperantes duas décadas depois.

À medida que a resistência persistia, o Exército do Paquistão implementou uma estratégia implacável, recorrendo a desaparecimentos forçados e execuções extrajudiciais de ativistas e das suas famílias que criticavam a ocupação do Paquistão. Só nos últimos cinco anos, mais de 5.000 pessoas desapareceram à força e pelo menos 3.000 foram mortas extrajudicialmente, enquanto os militares reforçam o seu controle sobre todos os aspectos da vida civil.

O Baluchistão sob ocupação iraniana enfrenta desafios semelhantes, com o regime dos mulás a suprimir partidos políticos, a matar activistas e a criar um vazio político – a luta da região é exacerbada pela privação económica e por um esforço concertado para iranizar a área. A campanha para iranizar envolve distorcer a história dos Balúchis, Curdos e outras etnias sob o domínio iraniano, negando as suas histórias, culturas, línguas e diversidade únicas. Em vez disso, a população é informada de que faz parte de uma nação persa maior, e as autoridades até proíbem o uso de Balochi, Kurdi e outros nomes locais. Apesar destes desafios, a resistência persiste.

Em agosto de 2022, quase um mês antes do trágico assassinato de Jina Amini, uma menina balúchi de 15 anos foi vítima de agressão sexual por parte de um policial em Chahbahar. A indignação pública ocorreu após a divulgação do incidente, culminando em protestos que eventualmente culminaram no Massacre de Zahedan.

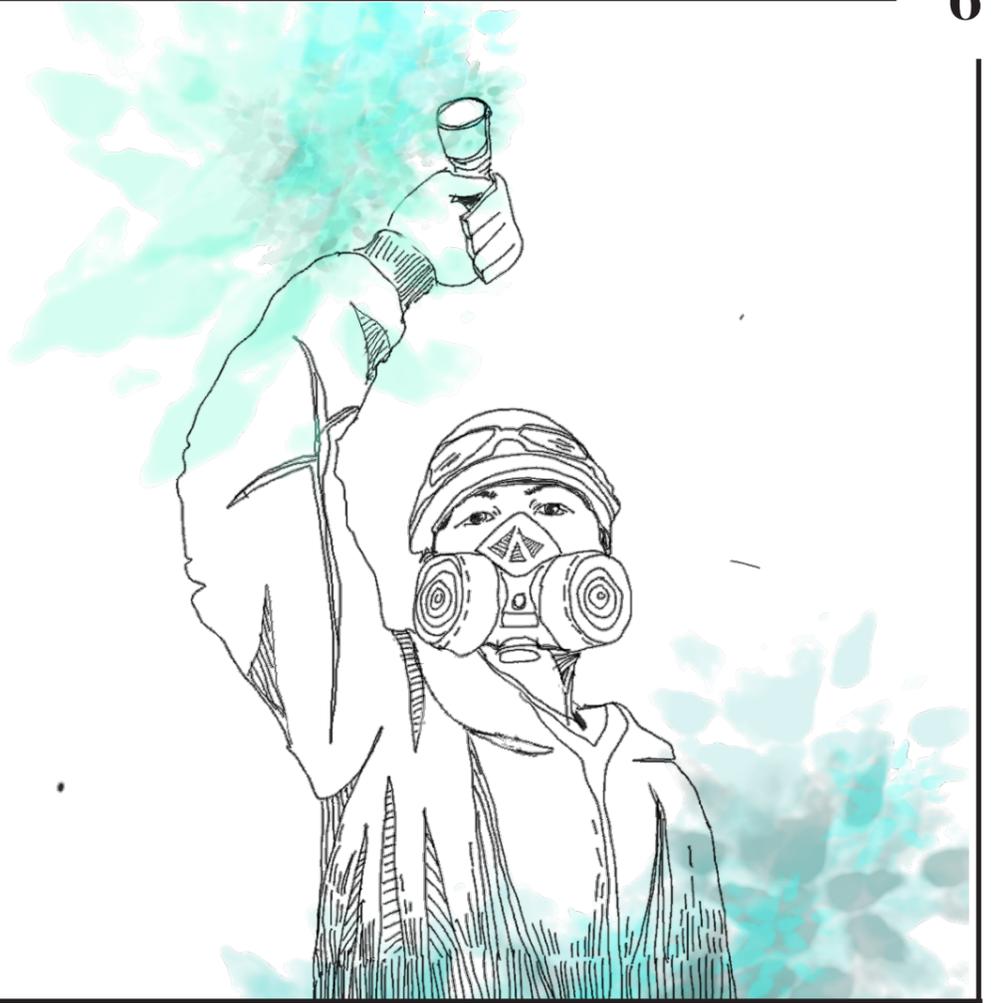
Contextualizar o movimento Jin Jiyan Azadi é crucial. Após o assassinato brutal de Jina Amini, este movimento ganhou impulso no Irã, com a população do Baluchistão a protestar simultaneamente contra as violações cometidas pelos Guardas Revolucionários Iranianos. Juntamente com outras partes do Irã e do Curdistão, as forças iranianas reprimiram manifestantes pacíficos, matando centenas e detendo outros. Hoje, as comunidades Balúchi e Curda constituem o maior número de pessoas mortas, executadas e detidas após o assassinato de Jina.

Apesar da magnitude da violência e da repressão no Baluchistão, a consciência internacional continua a ser mínima, com os meios de comunicação a denominarem-no frequentemente como um “buraco negro de informação”. A falta de atenção das organizações internacionais de direitos humanos permitiu que o Paquistão e o Irã agissem com impunidade, perpetrando atrocidades sem consequências.

A conferência «Youth Writing History» serviu como uma plataforma fundamental para que ativistas globais se unissem, partilhassem as suas lutas e explorassem vias de colaboração. Apesar da natureza diversa dos nossos desafios, o padrão fundamental da opressão é o mesmo – enraizado na ocupação e na pilhagem. Sublinhou a necessidade de um esforço colectivo, que transcenda as fronteiras geográficas, para enfrentar um adversário comum – um sistema enraizado na ocupação e na exploração.

Tornou-se evidente que os nossos opressores estão unidos através de diferentes entidades, enquanto nós, os oprimidos, permanecemos fragmentados. No entanto, a nossa força reside nos fatores unificadores da dor, da camaradagem e da procura da justiça e da verdade. Enfrentamos uma escolha: suportar o sofrimento isoladamente ou unir-nos e formar uma frente unida contra a opressão. Essa unidade envia uma mensagem poderosa aos nossos opressores – que estamos juntos, prontos para resistir coletivamente, e tocar num convite à resistência de todos.

Não importa o seu poder, um vínculo forjado na luta partilhada é muito mais forte do que uma unidade baseada na ganância e na exploração.



Os mártires abrem o caminho – De Bristol a Rojava, Anna vive

David Hampton, Comitê de Lêgerîn do Reino Unido

Se não fosse por Anna Campbell, eu não estaria escrevendo este artigo. Mudei-me para Bristol – a cidade onde Anna viveu, lutou e partiu na sua viagem para Rojava – cerca de um ano e meio depois de ela ter sido martirizada. Quando me mudei para cá, não só não estava familiarizado com as ideias e objectivos do Movimento pela Liberdade do Curdistão, como nunca tinha ouvido o nome de Anna. Ao aprender sobre a sua vida, aprendi que as palavras Şehîd Namarin (mártires nunca morrem) constituem a base através da qual as memórias da luta são mantidas vivas. Estas palavras moldam a forma como nos relacionamos e agimos como revolucionários, como internacionalistas e como jovens que lutam por um futuro democrático.

Anna trocou Bristol por Rojava no verão de 2017 para se juntar ao YPJ e defender a revolução feminina contra o Estado Islâmico fascista. Lá, ela adotou o nome de batalha Hêlîn Qereçox. Ela estava em Rojava quando a ocupação turca de Afrin começou e pediu aos seus comandantes que a deixassem lutar lá, vendo esta tarefa como parte da mesma luta contra o fascismo. Foi aqui que ela foi martirizada por um ataque aéreo turco em 16 de março de 2018 (1). Antes de partir, ela esteve profundamente envolvida no trabalho antifascista e de solidariedade aos refugiados, trabalhou com a Bristol Hunt Sabetours para tomar medidas diretas contra a caça ilegal de animais e estava se organizando com a Cruz Negra Anarquista de Bristol para apoiar presos políticos. Cada uma destas lu-

tas, e a alegria com que ela se envolveu nelas, representava o seu amor e desejo por uma sociedade verdadeiramente livre. Como internacionalista empenhada, a sua decisão de sair não foi um abandono destas lutas, mas antes um aprofundamento do seu compromisso com uma política de libertação e uma expansão da sua personalidade revolucionária.

A jornada de todos na luta é simultaneamente pessoal e coletiva

Uma jornada é pessoal, uma vez que as circunstâncias que afetam as suas decisões são únicas, e coletiva, uma vez que estas circunstâncias são criadas pelas decisões e sacrifícios de muitas pessoas que se interligam de maneiras além da nossa capacidade de compreensão. Tal como Rêber Apo argumenta que “aqueles que não conseguem escrever correctamente a sua própria história de liberdade também não podem viver livremente”, traçar como os mártires moldaram os nossos próprios percursos numa luta colectiva é um passo vital para o desenvolvimento de uma consciência revolucionária e internacionalista.

Meu primeiro encontro com Anna foi no centro social anarquista em Bristol, onde há belas obras de arte comemorando seu sacrifício. Este edifício, com salas de reuniões, uma biblioteca, um arquivo e uma cozinha comunitária, é um espaço vital tanto para estabelecer ligações com outros ativistas e movimentos como para a trans-

missão de conhecimento de lutas passadas com as quais continuamos a aprender. Como muitos de nós em Bristol, é um espaço que Anna frequentava regularmente.

Lembro-me de, ao ver esta obra, ter sido atingido por uma sensação de tangibilidade que inicialmente foi difícil de compreender. Crescendo no Reino Unido – o berço do capitalismo industrial e um centro central dos piores excessos da modernidade capitalista – aprendemos desde tenra idade que a política revolucionária é um mito infantil, que as revoluções são impossíveis e que as lutas são algo confinados à história que já não têm qualquer relevância para a nossa sociedade.

Aprender sobre Anna virou tudo isso de cabeça para baixo e me forçou a tentar superar as contradições que havia internalizado

Aqui estava uma mulher que foi criada na mesma sociedade que eu, que viveu na mesma cidade que eu e que usou os mesmos espaços que eu, que deu a sua vida para defender uma revolução a milhares de quilômetros de distância. Ao aprender sobre ela, comecei a aprender o que o internacionalismo pode significar na prática, e fui inspirado a aprender mais sobre os pilares ideológicos da revolução que ela tinha deixado a sua casa para defender. Se Anna não fosse homenageada desta forma, não posso ter certeza de que algum dia teria experimentado esse sentimento que tem guiado minha política desde então.

Ajudou a concretizar ainda mais estes pensamentos quando soube que antes de partir Anna tinha ajudado a criar grupos de solidariedade no Curdistão, e que depois de ter caído no Şehîd, amigos e comunidades em todo o Reino Unido inspirados por ela expandiram esses grupos e assumiram a tarefa de espalhar os ideais do paradigma em todos os nossos movimentos. Na sua vida e na sua morte, Anna trouxe a estrela brilhante que o movimento representava para ela para a consciência de tantas pessoas que foram guiadas por ele desde então. Foi através da interação com esses amigos, esses grupos e essas estruturas que conheci o movimento em um nível mais profundo e me comprometi mais plenamente com ele. Os amigos que deram estes passos compreenderam que não podemos ver o martírio como algo preservado num momento de perfeição idealizada, mas como algo que existe ativamente nas nossas lutas. Lembrar verdadeiramente de Anna significa lutar pelas ideias pelas quais ela morreu e lutar com a alegria com que lutou por elas.

No início deste ano tive o privilégio de participar na Primeira Conferência Mundial da Juventude em Paris com uma pequena delegação de Bristol

Aqui, conhecemos jovens revolucionários de todos os continentes, todos reunidos pelo seu desejo de aprender com o Movimento de Liberdade do Curdistão e de

nos conectarmos uns com os outros como jovens internacionalistas que lutam através de fronteiras arbitrárias impostas pelo Estado. Talvez a coisa mais bonita que experimentamos nesta conferência tenha sido o Muro dos Mártires, com uma mesa adornada com imagens de Şehîds e rodeada por imagens de jovens mártires de diferentes lutas de libertação históricas e contemporâneas. Para nós, pareceu-nos apropriado podermos contribuir com uma imagem de Şehîd Anna Campbell para esta mesa e partilhar a sua recordação com todos os outros presentes que foram inspirados pela sua luta. Para mim, parecia que tinha fechado o círculo e dado um passo mais perto de alcançar uma síntese dos aspectos pessoais e coletivos da minha jornada.

Acima de tudo, senti-me ainda mais determinado a continuar a lutar por um futuro livre, comunitário e democrático

A beleza de lembrar Şehîds é que em todo o mundo Anna é lembrada de forma diferente, mas fornece a mesma inspiração. A forma como ela é lembrada em Bristol permite-nos conectar-nos à sua vida e à sua luta de uma forma tangível, ao imaginá-la em espaços familiares realizando tarefas familiares para pessoas familiares. Assim, embora a sua imagem brilhe em todo o mundo como uma jovem internacionalista que deu a sua vida defendendo a revolução das mulheres, para nós, em Bristol, ela é igualmente a pessoa que cozinhava refeições comunitárias no centro social. Lembramo-nos dela não apenas como uma lutadora internacionalista, mas como uma antifascista, uma abolicionista das prisões, uma feminista e uma amiga. Todos estes aspectos da sua luta são inseparáveis e lembrá-los permite-nos continuar a lutar. E embora a forma como nos conectamos com ela seja diferente de como uma jovem em Rojava que vê a sua imagem no Komal pode se conectar com ela, na lembrança todos nós nos conectamos a algo maior, a um horizonte comum e uns aos outros.

Embora este artigo tenha sido escrito sobre Şehîd Anna Campbell, uma vez que ela é mais familiar para mim no meu contexto, os mesmos sentimentos que descrevi podem ser aplicados a qualquer pessoa que tenha caído na luta pela liberdade.

Todo mártir veio de algum lugar. Cada mártir tinha amigos e familiares com quem compartilhavam a beleza da vida. E todo mártir tinha uma razão para lutar

Não deixe que eles se tornem abstratos em sua morte e confinados apenas à memória. Onde quer que você esteja no mundo, pesquise e descubra seus mártires, conecte-se com eles, mantenha sua memória viva em sua luta e deixe-a inspirar outros, como a lembrança de Anna fez por mim e por muitos outros camaradas. **Se os mártires nunca morrerem, Ana sempre viverá.**

Como participar

Lêgerîn é construída em conjunto com a participação de centenas de pessoas que partilham o seu conhecimento, esforço e recursos, que fazem parte de alguma das nossas áreas de trabalho voluntariamente ou que participam ativamente na rede de produção e distribuição dos nossos materiais. Até agora, Lêgerîn tem sido conhecida como uma revista, mas agora, sob esta mesma identidade, estamos a desenvolver novos projectos e meios audiovisuais.

Sem o esforço e a organização colectiva do trabalho, Lêgerîn não poderia existir. Especialmente para esta fase atual de criação de novos projectos e para tornar mais eficaz a gestão da própria revista, procuramos atualmente pessoas que possam desempenhar as seguintes funções :

Trabalho interno:

- Equipa editorial!
- Tradução / Revisão de textos.
- Utilização de software como: Photoshop, InDesign, After Effects, Premiere Pro, etc.
- Gestão em redes sociais como Twitter e Instagram e web design
- Poemas, pinturas, escrita de ficção, pesquisa, produção de vídeos

Apoio financeiro e parcerias:

- Com a tua contribuição financeira, podes ajudar-nos a desenvolver mais material ideológico e de maior qualidade:
- podes fazer um donativo específico com o montante à tua escolha, ou doar todos os meses de forma automática, inscrevendo o nosso Patreon.
 - se tiveres meios de produção gráfica, ferramentas audiovisuais e digitais, ou qualquer outra ajuda material que possas partilhar connosco gratuitamente ou a baixo custo, contacta-nos!

Organiza a distribuição local!

Independentemente da tua localização no mundo, podes participar na difusão

da revista e de outros materiais e na divulgação da perspectiva ideológica do paradigma da modernidade democrática e do programa político do confederalismo democrático. Para isso, podem organizar-se nos vossos territórios para:

- Distribuir fisicamente ou digitalmente a revista.
- Criar grupos de leitura e de discussão.
- Organizar seminários e apresentações presenciais ou online em que um membro da nossa equipa editorial possa participar.

Se você está pronto para participar na difusão do novo internacionalismo juvenil, entre em contato conosco!

**legerinkovar@
protonmail.com**

Esta é a versão abreviada da edição 13.
Para obter a versão completa e todas as outras:

revistalegerin.com

